

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

2º SEMESTRE DE 2013

CICLO II

Espelhos velados e revelados
Caleidoscópicos estilhaços de espelhos

Nílson Joaquim da Silva

Turma: quarta-feira - noite

Espelhos velados e revelados

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

Livro dos Conselhos

Amante da Literatura e da arte retórica, tímido falante, mas atento ouvinte, num convívio íntimo - e tantas vezes frustrante, dolorido - com as palavras, sempre me interessei mesmo foi pelo silêncio, pelo que as palavras, sozinhas, não conseguem ou não podem dizer: pelo não dito, pelo desdito, pelo maldito.

Nas linhas, encantam-me - sempre me encantaram - as entrelinhas; na escrita, o desafio da página em branco; na voz, o eco; na presença, a ausência, o vazio, o que não se pode preencher, o que angustia e que move, aquilo que falta e, ao mesmo tempo, que convida e impulsiona à busca, ao abismo. O reflexo.

Se no início era o Verbo, como afirmam os textos míticos e religiosos, interessa-me - sempre me interessou - o que antecede o Verbo, o que prenuncia todo início, o que antecipa mesmo sem ser verbalizado, as trevas de que pode - ou não - brotar a luz. Interessam-me os espelhos velados.

Creio que, por isso, após os quarenta anos de idade e muito, muito tempo de dedicação à Literatura, resolvi dedicar-me também à Formação - à busca da Forma e da Ação - na Psicanálise. Creio que, por isso também, no meu primeiro trabalho sistematizado como aprendiz de psicanalista - a monografia de conclusão do Ciclo I - debrucei-me sobre a escuta e a relação entre o que se diz e o que se cala - o que, em nós, cala - quando falamos e silenciámos, quando ouvimos e somos ouvidos, aliás, quando somos ouvidos mesmo naquilo que nem dissemos... ou, principalmente, naquilo que nem dissemos. Que não conseguimos dizer. Mas que ecoou em nós, ecoou fora de nós.

Não, no início não era o Verbo, no início era o Silêncio, era o vazio, a ausência, o desalento, a falta de ar, as trevas, o velado, a angústia que antecede todo ato criador e criativo e, disso, disso sim, nasceu o Verbo. Nasceu a Palavra, a Criação, o Discurso, a Representação, nasceu Deus, nascemos nós - supostamente feitos à imagem e semelhança de Deus, dos deuses - e, conosco, nasceu a necessidade da atenção, da escuta, da interpretação, da Arte, da Literatura, da Psicanálise... Nasceu a escuta na Psicanálise... Nasceu o desejo de desvelar, do revelar.

Escuta: “ponta extrema e fina do espírito, que traz à consciência social o sentido vivo do silêncio”¹. Espelho velado e revelado pelo Verbo.

¹ Bosi, Alfredo in: “O ser e o tempo da poesia”.

Senti-me desafiado, logo no segundo encontro do Curso de Formação, aqui no CEP, quando escutei o diretor Ernesto Duvidovich nos dissuadindo de qualquer ilusão de um “encontro marcado” com respostas nas aulas, afirmando-nos, de forma incisiva, contundente, que na Psicanálise o que tínhamos - o que temos - eram e são as perguntas, a busca, a falta, as não-respostas. Indagações, indagações, indagações. E o silêncio. Espelho velado e (re)velado.

Fiquei feliz, logo nas primeiras leituras, das primeiras aulas, ao deparar-me, na *Conferência número 1*, de 1916, com a explanação de Freud sobre o que, ao seu ver, era a ainda tão nova, tão principiante, Psicanálise: “nada acontece num tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais. O médico escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele, analista, suscita no paciente.”

O psicanalista escuta, observa, analisa, cala, busca compreender linhas e entrelinhas, palavras e silêncio, e interpreta, ecoa, verbaliza, feito um literato, feito um escritor, feito um ficcional “tecedor de mundos supostamente coerentes” num mundo tão incoerente... feito um poeta, um mitopoético fazedor de teias simbólicas, imaginárias, míticas, num mundo supostamente real que já não crê em mitos, que já não tem tempo para a imaginação, mas que não consegue se desatar - desatar-se - dos símbolos e do “nó de borromel” lacaniano, que entrelaça realidade, imaginação e símbolos. Ecos de humanidade. Reflexos do Homem.

Palavras criam mundos, narrativas, vidas que merecem ser contadas, ouvidas, vividas, sentidas, retomadas, continuadas, ressignificadas, (com)partilhadas. Palavras - e silêncio - criam laços. Metafóricos e simbólicos laços de afeto sobre os quais a transferência se alicerça. Não há, agora, como não citar as palavras do psicanalista Arnaldo Domingos, de uma das horas clínicas deste segundo semestre do Curso de Formação, tentando esclarecer-nos, ainda tão leigos, tão principiantes nos assuntos da Psicanálise, o que é, segundo Lacan, o “sintoma” na transferência psicanalítica: **“sintoma é a metáfora de uma verdade que é impossível de ser dita, mas que se endereça a um outro com o qual se faz um laço.”**

Novamente, voltamos ao que não se consegue ou não se pode dizer, mas que, nem por isso, impede o outro de, metaforicamente, metonimicamente, ouvir, escutar, germe deste ensaio, germe do trabalho psicanalítico, germe do literário, gênese do humano. Reflexo.

Perguntaram, uma vez, à Clarice Lispector o que a movia a escrever e ela, serenamente, respondeu. “Eu não escrevo pelas palavras, escrevo por aquilo que não posso, apenas com elas, dizer... alguns cosem para fora, eu coso para dentro”. Meu ensaio do Ciclo I propôs-se a um mergulho num abismo, sem grito.

Cosendo para dentro, debruçando-me sobre a análise da gênese criativa de dois personagens-chaves de nossa Literatura - o Riobaldo, do “Grande sertão: veredas” roseano, e a Lóri, da

“Aprendizagem amorosa” de Clarice Lispector -, assim como sobre os enredos que os envolvem e representam, refletem-nos, tentei desbravar, em meio a essa perigosa travessia que é a própria vida - “E viver é (sempre) muito perigoso”, como diria o sertanejo Riobaldo -, veredas que podem aproximar e estreitar os caminhos entre os discursos da Psicanálise e os da Literatura. Laços metafóricos que podem aguçar a escuta e a verbalização, o ecoar do ser humano, dentro ou fora da clínica, dentro ou fora de si mesmo.

Não sei direito onde cheguei. Não sei se parti, nem se voltei. Contudo, feito a mítica serpente Uroboros, que abocanha a própria cauda num constante devir, sem começo nem fim, sem fim nem começo, rompendo as barreiras do tempo e do espaço em nome de um cíclico eterno retorno, tentei demonstrar que, na Psicanálise, no romance contemporâneo, na vida moderna, assim como na simbólica serpente mítica, não existem definitivos começos, nem fins, existe processo, caminhada, presente, deriva, fragmentos de vida, devir. Existe o tornar-se, o vir a ser, a busca do que somos em tudo o que somos e naquilo que faltamos, e existe a narrativa dessa busca... e alguém para escutar essa narrativa. E, mesmo que esse alguém para escutar não haja, ainda assim existe a busca. E existe, em algum lugar, o ESPELHO.

Riobaldo, do “Grande Sertão: veredas”, para quem ainda não teve o dilacerante prazer da leitura do romance de Guimarães Rosa, é um sertanejo filósofo, um lírico atirador e matador, um doce homem rude que, em meio às agruras de um sertão em guerra, solitário e apaixonado pelo seu melhor amigo Diadorim, sem saber que ele, na verdade, era ela, no bruto, busca um sentido, um motivo, uma razão para as coisas serem como são, tão sem sentido, tão sem razão, e, sem encontrar respostas, num momento crítico de sua vida, no ápice da sua história e estória, descrente de Deus e do Amor, decide romper com as regras, as leis, a moral e buscar o Diabo... o reflexo especular do que, em si, rompe com tudo o que se diz, impõe-se, de fora para dentro, o “bem”, o “bom”. Busca o *daemon*, o que antecede e antecipa as noções de “bem” e de “mal”.

Decide, o sertanejo, fazer um pacto com o inaudito, o impensado, o *daemônico* Pecado, o não reprimido, o não recalçado, para ter o que quisesse, mais do que pudesse. Reflexo.

Vai a uma encruzilhada à meia-noite, enfrenta os medos de fora e de dentro de si, clama por três vezes àquele que, comumente, proíbe-se de dizer o nome, de clamar e aclamar. Vence tudo o que se reprime, se recalca, se represa e, supostamente, depara-se com o mistério maior, aquele mistério que libera de dentro de seu ser um “eu” sem grilhões, sem culpa, sem alma, ao menos um eu sem a tão volátil, reprimida, estilhaçada alma cristã. Depara-se com o Espelho.

E Riobaldo sabe, tem fé de que o que pedir, vencido o medo do errado, da culpa, do recalçado, sob a égide e a proteção do que é Mal, do Pecado, tão alentador pecado, tão libertador pecado, será atendido. Pode pedir tudo pelo raso preço de sua alma já perdida. Pelo incomensurável valor de sua *daemônica* alma reconquistada.

Faz o Pacto, ousa, atreve-se, mas, na hora H, no frente a frente com a sua maldita, desdita demoníaca essência espelhada, não sabe o que pedir. Cala-se. Então, balbucia, gagueja, silencia. E, quando recobra a voz, malemal consegue sussurrar:

“E o que era que eu queria? Ah, acho que eu não queria mesmo era nada, de tanto que eu queria tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!”

Marisa Belém escreveu, na avaliação do meu trabalho do Ciclo I:

“Quando Freud nos propõe a ideia do sujeito dividido, regido pelas determinações do inconsciente, rompe com qualquer ideia de um “eu” unitário e autônomo. Se o “ser” está para sempre perdido, desde a Psicanálise só nos resta “ficar sendo” a partir da escuta e da realização do sujeito desejante em nós.”

“Ficar sendo”, creio que é o que todos nos queremos, que desejamos, que almejamos pela “realização do sujeito desejante em nós”. “Ficar sendo” é o que espelhamos, esperamos, projetamos.

Sem a inocência, a coragem ou a fé necessárias para um Pacto com o Diabo como o fez Riobaldo, mesmo tão dividido quanto ele, mesmo tão fragmentado, como ele, resta-me, - resta-nos - apenas, tal como ele desejou, “ficar sendo”. Por isso vim à Formação em Psicanálise, por isso firmo um pacto com as palavras e com o silêncio. Por isso debruço-me, agora, sobre os livros, as teclas do computador, perante o meu eu refletido na tela iluminada - porém opaca - e sobre - e sob - as linhas deste ensaio. Por isso falo e calo. Silêncio. Por isso, estilhaçado, busco um espelho, busco-me num espelho, o ESPELHO, tentando reconstituir, na minha face, todavia, não apenas o “ficar sendo”, mas, no imperativo da realização do sujeito desejante - mesmo diante de um objeto de desejo aparentemente inalcançável, irrealizável, inapreensível em nossos dias -, busco o vislumbre do SER. O recolher dos cacos. E, na busca desse vislumbre de ser, deparo-me com a face espelhada da contemporaneidade, e ouço, da voz desse pálido reflexo em silêncio, o eco da epígrafe de um romance que há muito li, mas que ainda reverbera em mim. O romance é o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e a epígrafe foi extraída do “Livro dos Conselhos”: **“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”**.

Ao som silente desse eco, procuro, no espelho velado, revelar e desvelar o que se reflete e o que se repara por detrás dos véus, por detrás do breu.

Caleidoscópicos estilhaços de espelho

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco!

“O autorretrato” (Mário Quintana)

Entretanto, mesmo tentado a isso, ainda não é sobre a cegueira contemporânea, proposta por Saramago, ou sobre os específicos espelhos velados desse seu romance, que me curvarei. Nem falarei da ausência de nomes dos personagens, nem da abstração do espaço e do tempo, nem da fragmentação da vida, nem do caos moderno, nem do antipsicologismo e da crise ou ausência de individuação, nem da grande engrenagem moderna para a qual não passamos de pequenas rodinhas facilmente substituíveis que o escritor português, aparentemente, aprendeu com Kafka e com a leitura dos romances *O processo* e *O Castelo*. Deixarei essa discussão, a respeito de um aparente estilhaçar do espelho maior, do espelho da civilizada contemporaneidade, para quando formos tratar do *Mal estar da civilização*, a partir da ótica e da visão freudiana. Agora, dedico-me a um vôo mais baixo, não menos perigoso, não menos profundo.

Importa deixar claro que não vejo a Psicanálise, neste e em meus outros ensaios, como prática ou ferramenta de estudo literário, mas, sim, e antes, como método investigativo, clínico, da psique humana. Não há como deixar de lado a ligação antiga e complexa que essa mesma Psicanálise tem com a Literatura e com os textos literários, mais especificamente com as motivações das práticas de escrita e de leitura e com a importância das construções metafóricas, e metonímicas dessas práticas.

Nesse longo relacionamento, a psicanálise tem recorrido frequentemente à utilização da Literatura e da Arte como meios e instrumentos de desenvolvimento e ilustração dos estudos sobre a interioridade humana, sobre o inconsciente e as relações entre sujeito e objeto. Relações entre *subjectum* (o que está dentro) e *objectum* (o que está fora). Freud que sempre se interessou pela Arte, também sempre

considerou a Literatura como uma proficiente fonte de possibilidades para a clínica psicanalítica, aliás, até mais importante, em certos casos, do que os próprios estudos médicos.

Justificativa posta. Estilhaçamento, fragmentação, sujeito dividido e perda do “eu” unitário e autônomo, na modernidade, confirmados, espelhos velados, agora, interessa-me a tentativa do encontro, a busca narcísica, ainda que ilusória - todavia o que não é ilusão? - da completude, o caleidoscópico jogo de transformar caquinhos de vidro e de espelhos em deleite estético, em desvelado prazer dos sentidos, em coerência em meio à incoerência, *obscurum per obscurius* - o obscuro pelo mais obscuro.

Interessa-me a travessia lacaniana do imaginário para o simbólico e, então, para o real e, quem sabe, com ela, para um novo anseio de configuração do ato e do sentido de se olhar, de se mirar, no espelho. E como não conheço outro caminho que, ao menos neste momento de minha vida, considere mais profícuo, mais sedutor, mais significativo para essa busca, para uma ilustração da busca, detenho-me no poético e no vislumbre especular do humano no poético. E, com isso, volto-me à poesia de Fernando Pessoa - poeta criador de outros tantos poetas - e a um sublime e enigmático poema seu - do próprio Pessoa, não dos heterônimos - intitulado “Eros e Psiquê”.

Eros e Psiquê

**Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.**

**Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.**

**A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.**

**Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.**

**Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.**

**E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,**

**E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.**

Fernando Pessoa

Para Freud, em sua “Introdução ao narcisismo”, um recém-nascido não concebe nada nem ninguém como fora de si. “O narcisismo primário - afirma Freud - designa um estado precoce em que o sujeito investe toda a sua libido em si mesmo. O objeto de investimento libidinal passa a ser o próprio ego, o próprio corpo. É o momento em que a criança toma a si própria como objeto de amor, antes de escolher objetos externos”. A criança está adormecida de exterioridade, vivendo da ilusão real do nada além de si mesmo e anterior à linguagem, a criança está, na “libido do ego”, ensaiando a “libido objetal”, a pulsão libidinal, ainda adormecida, feito a princesa Psique do início do poema, também adormecida - para a vida, para Eros -, criança Psiquê ainda não desperta de tempo e de espaço, só, desencantada, despreparada para o amor, para a libido, para Eros, mas em busca dele, à espera dele: **“Conta a lenda que dormia/ Uma princesa encantada...”**.

As pulsões sexuais e a libido - orienta-nos Freud - estão, de início, na mais tenra idade da criança, ligados apenas à satisfação dos instintos, dos impulsos do ego; adormecidas para tudo além da auto-conservação, da sobrevivência, do que é fome, do que é sede, do que é instinto de matar fome e sede, de saciar-se e satisfazer-se. Somente depois é que elas vão se tornando, aos poucos, independentes destes e, mesmo então, encontramos ainda, nos recém-nascidos, uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, seus cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua.

Nesta etapa do crescimento, a criança, mesmo sem a menor consciência disso, começa a se abrir para quem a protege, começa a despertar, a descerrar os olhos para o mundo que a envolve e para as

possibilidades e promessas do amor no mundo e do mundo que a envolve, exterior a ela, introjetado nela, feito uma princesa Psiquê adormecida de Eros, inconsciente de tudo e de todos, mas não de todo inconsciente de si e de seus anseios, de sua sede e fome de satisfação, à espera da proteção de seu amante Infante que ela, a princesa, a criança, ainda nem imagina ou sabe que há ou, onde, para além de seu sonho de ilusão, pode ou poderá estar, mas que, entretanto, já espera. E, na espera, aprende também a buscar, aprende, sem verbalizar, sem linguagem, o primevo conceito, o (antes) conceito, de esperar, da esperança.

**Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.**

Freud, tratando do narcisismo secundário, da abertura para o amor objetal e para aquilo que se encontra “além do muro da estrada”, continua nos dando à luz informações importantes sobre o decifrar não apenas do aprendizado libidinal da criança, mas, também, sobre o aprendizado da busca - e da espera - do outro, por nós, em nós e em nossas relações eróticas, amorosas e libidinais, relações essas metaforicamente ilustradas no poema de Pessoa, com o qual ora dialogamos na tentativa especular de melhor mirar a relação entre Eros e Psiquê, entre o amor e o inconsciente, entre o amante e o escolhido - esperado - objeto amado, o eu e o outro. Assim diz Freud:

“Existem mulheres que não têm de esperar por um filho a fim de darem um passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) para o amor objetal. Antes da puberdade, sentem-se masculinas e se desenvolvem de alguma forma ao longo de linhas masculinas; depois de essa tendência ter sido interrompida de repente ao alcançarem a maturidade feminina, ainda retêm a capacidade de anseio por um ideal masculino — ideal que é de fato uma sobrevivência da natureza de menino que outrora possuíram. O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto. Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.”

Aparentemente, o investimento narcísico primário, na constituição do “eu”, parece ser fundamental como processo constituinte para o investimento libidinal e anaclítico (de ligação a um objeto externo, um outro), secundário, no amor. Psiquê, princesa adormecida, não espera um infante qualquer, espera o seu Infante sonhado, que, “tentado”, para além do “bem” e do “mal”, viria a ela, de fora, do além do muro da estrada, todavia delineado já pelo caminho a ele destinado, libertado do caminho errado, vem, para ela, dela, do que é, do que foi e do que ela gostaria de ser.

E é essa dormência ao externo, primeva e original, que oferecerá à princesa, ao Infante, a todos nós, subsídios para delimitar, modelar, as escolhas, as decisões, as buscas, as esperas, o aprendizado para o anaclítico amor de ligação erótica com o outro.

**Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.**

Para Freud, porém, “a libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal”. No poema: o protetor e vencedor Infante deixa “o caminho errado por o que à princesa vem”.

Porém, resta uma dúvida: o que é esse desistir da própria personalidade em favor de uma demanda externa? Seria esse objeto externo, de fato, externo, ou mera projeção do interno escondido, sublimado, recalçado e projetado no outro, no fora, no espelho?... E o que seria vencer o mal e o bem? Seria isso o que pretendia o “tentado” sertanejo Riobaldo, apaixonado pela Diadorina, princesa adormecida em Diadorim, ao propor-se ao Pacto demoníaco - ou *daemônico* - desejando “ficar sendo”?... O que é interno? O que é externo? O que é bem? O que é mal?

Em sua posição esquizoparanóide, Melanie Klein nos propõe, ao tratar da criança recém nascida até os seis meses de idade, uma cisão, uma ruptura, entre o “seio bom” e o “seio mau” - o que alimenta e o que se ausenta, o amado e o odiado - e a dificuldade, no humano, de integrar bom e mau num mesmo objeto. A evolução desse conceito levou Melanie Klein a desenvolver a teoria da posição depressiva, na qual, entre outros processos, esse objeto clivado, partido, tenderia à síntese, sendo percebido então como “bom e mau” - a mãe é boa e é má, o outro é bom e é mal, o objeto amado é bom e é mau - contrastando com o estágio anterior “bom ou mau”.

“Vencer o bem e o mal”, como antíteses, pela alegórica imagem do Infante do poema, talvez seja o desejo de integração, de compreensão, de percepção de que não há a saudável possibilidade de se optar entre um ou outro, entre o que é bom e o que é mau, tentando interiorizar aquilo que, supostamente, é “bom”, em nome de extirpar o que, hipoteticamente, é “mau”, mas, antes, faz-se necessário, primordial, perceber-se que bem e mal andam de mãos dadas, e vencê-los é vencer a conjunção alternativa “ou”, é vencer a fragmentação, a cisão, os impulsos destrutivos e a angústia persecutória oriundos desse cindir, dessa segmentação, assim como é também vencer os processos de onipotência, de idealização, de negação e de controle dos objetos internos e externos, compartimentalizados e segmentados entre “bons” ou “maus”.

Ultrapassar a posição esquizoparanóide é reconhecer a mãe, o outro, o ser amado, a princesa adormecida, o Infante, como pessoas totais, com existências próprias e independentes, fontes de experiências boas e más. A criança - assim como um apaixonado amante - compreende pouco a pouco que ela ama e odeia a mesma pessoa, sua mãe - sua amada - e, assim, inaugura a experiência do

chamado sentimento de ambivalência. E, depressivamente, inaugura a essencial experiência do medo, da culpa, da dúvida, da insegurança, do luto ante essa ambivalência, da perda e do temor de (se) perder.

**A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.**

A ambivalência, a dialética relação com os opostos, a experiência do paradoxo e da possibilidade da perda do ser amado, do se perder no ser amado, do ser perdido pelo objeto adorado, são condições inerentes ao humano e à travessia do humano, e são fundamentais, segundo Melanie Klein, para o amadurecimento psíquico e emocional do Homem. Se, antes, o bebê temia a destruição do objeto amado por perseguidores, agora ele teme que sua própria ambivalente agressão possa destruir o objeto amado e odiado, que o ama e o odeia. Sua angústia deixa de ser paranóide pra ser depressiva. E assim começa a se originar sentimentos de culpa e de luto: sonhos em morte da vida. A princesa adormecida sonha em morte a sua vida e já não sabe se espera, contudo, dormindo, espera. E tem, sobre a fronte esquecida - esquecida? -, a orná-la, uma grinalda de hera.

A hera, entre os gregos, era cultuada, por manter-se verde em todas as estações, como símbolo da força vegetativa e da persistência do desejo. Ao mesmo tempo, ainda entre os gregos, a mesma hera era um símbolo feminino representativo daqueles que precisam de proteção. Na mitologia, também grega, Hera é a deusa do casamento - equivalente a Juno, na mitologia romana - e regia a fidelidade conjugal. Por mais que haja a dúvida, o temor, a insegurança, a princesa adormecida orna-se de hera, reveste-se de um desejo persistente e sempre verde de busca por proteção e aconchego, pulsão libidinal e Eros, erótico amor e realização satisfatória do amor por Eros, consagração do amor pelo próprio amor.

Através da aceitação da perda ou da possibilidade da perda é que se obtém a melhor saída da labiríntica posição depressiva: o bebê passa a trabalhar saudavelmente a construção de sua subjetividade, a princesa adormecida, o Infante que a procura, o amante, o amado, reconhece, na paixão, a possibilidade do Amor, descobre, no que se quebra ou que se pode quebrar, a esperança da reparação. E, mesmo sofrendo, mesmo angustiados, não desistem. Não desistimos. Pois sabemos que abrir mão da busca, da espera, da exteriorização, da relação objetal, é adoecer de uma dor maior. É perder-se num mundo sem sonhos, num mundo de esquizofrênica realidade delirante, num outro sono. Por isso, mesmo diante do incerto, mesmo ignorando os percursos, mesmo sem tino, prosseguimos a cumprir nosso destino... estrada a dentro, estrada a fora.

**Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.**

**Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.**

Para Melanie Klein, nós sempre estaremos vivendo as posições esquizoparanóide e depressiva no transcorrer de nossas vidas. Clivados e reintegrados, ciclicamente teceremos - com bem e mal - momentos maus e bons, compartilhados com pessoas boas e más. Sempre de forma alternada, sempre em dúvida, sempre ignorando e ignorados, quebrando e reparando, ganhando e perdendo, sem tino, sem saber que intuito tem, mas esforçados. Sempre esforçados. Essas são as únicas formas de se viver e de se trilhar de modo são, saudável - o que é sanidade? o que é saúde? - a angustiante, terrível, trágica - todavia emocionante, apaixonante - vida humana fadada pelo “processo divino que faz existir a estrada”. *Obscurum per obscurius* - o obscuro pelo mais obscuro.

**E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,**

Jacques Lacan, em seu “O estágio do espelho”, apoiado nas teorias freudianas, nos faz saber que, aproximadamente entre os seis e dezoito meses de idade, um bebê ainda não tem a vivência completa, a percepção delineada, integrada, do seu corpo, pelo contrário ele percebe ou concebe seu corpo como sendo uma fragmentação, uma dispersão de partes separadas, estilhaços de ser.

Diante de um espelho, o bebê não se vê, vê um outro, partes de um outro em pedaços. Assim tendo de si, em si, uma espécie de vivência de despedaçamento. Daí, a criança começa a conquistar a totalidade de seu corpo através - ou por meio - do “espelho”, representação metafórica do vínculo entre a mãe e a criança, entre o olhar da mãe e o da criança a espelhar-se nesse olhar de mãe, de um outro que, aparentemente, ainda ela acredita ser parte integrante de si, todavia externa a ela. Essa metáfora, segundo Lacan, trará à criança uma dimensão imaginária, a qual lhe permitirá, mais tarde, a construção

da ilusão simbólica de completude. É nesse “espelho” que a criança inaugurará a totalidade do corpo, por meio dessa imagem focada, fora de si. Fazendo alusão ao poema de Pessoa, e a relação entre Eros e Psiquê, o amante e a amada, o sujeito e o objeto, o resto é “falso”, o resto - ainda - não existe. E verá a criança, no metafórico reflexo especular adiante de si, um ser uno, total, todavia, no ser, um outro, o outro no outro que não consegue, ainda, perceber tratar-se de si mesmo. Feito o Infante do poema de Fernando Pessoa, a criança busca “em sono” o objeto externo a ela, nela.

Aludindo Lacan, a mãe seria o espelho metafórico da criança e é ela que contribuirá para a visão desse outro, do outro no outro, e para a ponte sujeito e objeto, pulsão de ego e pulsão objetual. Então, é lá fora que a criança se descobre. E, quando a criança se dá conta de que esse outro, espelhado na fria e plana superfície metafórico-especular do espelho, do “espelho”, é ela mesma, quando ela intui que a aparência do “desconhecido”, externo a ela, já é a sua própria aparência, reagirá com júbilo, satisfeita, diante da imago, o “ego ideal”, todavia é nessa imagem do outro que a criança irá se alienar, irá se encontrar com a linguagem, linguagem essa que a precede, está antes dela, foi construída pelo outro com leis externas a ele para também construí-la e inseri-la no mundo. E, mesmo ainda tão nova, é essa linguagem que lhe servirá para a conformação com esse mundo, com a realidade, e para a relação com o outro, o falante, na constituição de sua própria trajetória de fala, de utilização significativa da linguagem, “vencendo estrada e muro”, rumo ao campo do imaginário, ao campo narcisista, ao campo da busca, do encontro e do desencontro consigo, com o outro, com o mundo. “A criança se alimenta tanto da palavra quanto do pão”, afirmou Lacan.

A criança vai, pouco a pouco, se conhecendo, reconhecendo-se, a si mesma, pelo reflexo e pelo eco de quem lhe fala, de quem dela fala, de como ela é falada - pela voz da mãe, pela voz do outro - e este encontro, este reencontro, vai personalizando-a, representando-a auditivamente por meio da linguagem, através de seu próprio nome pronunciado pelo outro e pelas percepções daquilo que ela conhece e reconhece e que traz consigo as especificidades dela e daquela pessoa outra, repetidamente encontrada e reencontrada. O metafórico “espelho” se transforma, de fato, num espelho.

**E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.**

Ao ver e sentir a coroa de hera - símbolo da persistência do desejo e consagração da fidelidade e da proteção para aqueles que dela precisam - em sua própria cabeça, o Infante descobre que ele mesmo era a Princesa que dormia. Ele era a busca e o ser buscado, a espera e o esperado, a conquista e o conquistado, o amante e o amado. É dele a proteção que ele mesmo necessita, no amor, em si, no outro. “Eros e Psique” é o iniciático caminho do amor pelo próprio amor. Já dizia o poeta Drummond: “Amar se aprende amando.” E ousou uma liberdade poética: “Amar se aprende (se) amando”.

O narcisismo, segundo Ernesto Duvidovich, em “Narcisismo, uma patologia do nosso tempo”, aludindo a Freud, é “tão necessário para o próprio processo de subjetivação do sujeito, que a falta dele – no sentido adjetivado – é tão prejudicial quanto a sua sobra [...] é através dele que o sujeito ganha seu

primeiro desenho de um corpo, de uma superfície capaz de engendrar um Eu, que se diga de passagem ficará, uma vez constituído, para sempre ameaçado de fragmentação, de desaparecimento da unidade, isto é, de morte; sendo necessário um constante investimento e um constante esforço para sua manutenção”.

O Infante, agora, tem um corpo narcisisticamente delineado, pode despertar sua princesa adormecida, pode sair de seu sonho e encarar o mundo real – real?... O que é real?... Depois, vem a vivência da castração, a ferida narcísica aberta do descentramento que é o Édipo, a desilusão, o princípio da realidade, a busca de um novo algo, um novo outro que o complete, que lhe desperte amor, a espera de uma nova ilusão de completude, de um novo Eros, de uma nova Psiquê, de um outro aprendizado poético e psicanalítico de “Eros e Psique”, de um novo ESPELHO... E o cindir-se de novo para o se (re)encontrar adiante. Mas isso são outros poemas, outras buscas e esperas, outras histórias e estórias, outros ensaios. E o silêncio.

BIBLIOGRAFIA:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

BLEICHMAR & BLEICHMAR. “A psicanálise depois de Freud”, Cap. V. “Melanie Klein”, Editora Artes Médicas, Porto Alegre.

BLEICHMAR & BLEICHMAR. “A psicanálise depois de Freud”, Cap. VI. “Melanie Klein”, Editora Artes Médicas, Porto Alegre.

BOSI, Alfredo. “Frase, música e silêncio”. *In: O ser e o tempo da poesia.* 6ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

DUVIDOVICH, Ernesto. “Uma patologia do nosso tempo” in: conferência para o “Terceiro Encontro do Reich no Sedes”, em 15/09/1990.

FREUD, Sigmund. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume XIV):* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. “Parapraxias - Conferência número 1: Introdução à Psicanálise”. *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume XV): Conferências introdutórias sobre Psicanálise - Partes I e II (1915-1916).* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa.* Rio: Nova Fronteira, 2ª ed., 1986.

LACAN, Jacques. “O estágio do espelho como formador da função do eu”, in: “Escritos” p. 96 a 104.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro, 1973.

_____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PESSOA, Fernando. *Obras Completas.* Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.